

Secretaria de Estado da Educação do Estado da Paraíba

SEE-PB

Professor de Educação Básica 3 - Geografia

Edital N.º 01/2017/SEAD/SEE

OT021-2017

DADOS DA OBRA

Título da obra: Secretaria de Estado da Educação do Estado da Paraíba - SEE-PB

Cargo: Professor de Educação Básica 3 - Geografia

(Baseado no N.º 01/2017/SEAD/SEE)

- Conhecimentos Específicos

Produção Editorial/Revisão

Elaine Cristina
Igor de Oliveira
Camila Lopes
Suelen Domenica Pereira

Capa

Joel Ferreira dos Santos

Editoração Eletrônica

Marlene Moreno

Gerente de Projetos

Bruno Fernandes

SUMÁRIO

Conhecimentos Específicos

O Espaço Geográfico: Categorias de análise; Ensino e representações; Localização e inter-relações dos fenômenos geográficos na superfície terrestre.	01
Uma nova prática didática na construção do conhecimento geográfico (ensino fundamental).....	07
As conexões da Geografia com outras disciplinas, a Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade.	10
A linguagem cartográfica: o planeta ao alcance do estudante e aplicações do conhecimento geográfico ao cotidiano escolar.	11
A relação Sociedade/Natureza e as dinâmicas das paisagens terrestres: biomas e domínios morfoclimáticos. Aspectos naturais: geologia, geomorfologia e pedologia.	12
A dinâmica demográfica mundial e o patrimônio ambiental: por um conhecimento geográfico sem dramas, mas com uma interpretação pluralista do mundo e do Brasil.	16
Uma nova Globalização ou um novo olhar geográfico sobre o Sistema Mundial?	20
As questões ambientais e a humanidade: seus desafios e necessidades de superação.	23
Os recursos hídricos e energéticos e a inserção do território brasileiro neste contexto.	31
A unificação dos mercados nacionais, as tecnologias e o espaço geográfico.	40
O processo de urbanização mundial e sua espacialização no Brasil.	43
A indústria e seus fatores locacionais.....	43
A agricultura e a segurança alimentar no mundo;	47
O agronegócio no Brasil (sua concentração/desconcentração).	49
Geopolíticas internacionais.	49
O sistema mundial: os EUA, a UE (União Européia) e os países que formam o BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China);	55
O Japão na ordem mundial; o Oriente Médio e os conflitos atuais; o sistema sul-americano; a unidade e a diversidade da África.	58
O território brasileiro: dinâmica e estrutura da população; os usos dos recursos da natureza; as transformações do seu espaço.	67
Regionalização do espaço brasileiro: aspectos socioeconômicos e ecológicos.	70
A Paraíba: aspectos socioeconômicos, naturais e regionais do seu território.	76
Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais - Ensino Fundamental (Resolução CNE/CEB nº 4 de 13 de julho de 2010).....	76

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica 3 – Geografia

O Espaço Geográfico: Categorias de análise; Ensino e representações; Localização e inter-relações dos fenômenos geográficos na superfície terrestre.	01
Uma nova prática didática na construção do conhecimento geográfico (ensino fundamental).	07
As conexões da Geografia com outras disciplinas, a Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade.	10
A linguagem cartográfica: o planeta ao alcance do estudante e aplicações do conhecimento geográfico ao cotidiano escolar.	11
A relação Sociedade/Natureza e as dinâmicas das paisagens terrestres: biomas e domínios morfoclimáticos. Aspectos naturais: geologia, geomorfologia e pedologia.	12
A dinâmica demográfica mundial e o patrimônio ambiental: por um conhecimento geográfico sem dramas, mas com uma interpretação pluralista do mundo e do Brasil.	16
Uma nova Globalização ou um novo olhar geográfico sobre o Sistema Mundial?	20
As questões ambientais e a humanidade: seus desafios e necessidades de superação.	23
Os recursos hídricos e energéticos e a inserção do território brasileiro neste contexto.	31
A unificação dos mercados nacionais, as tecnologias e o espaço geográfico.	40
O processo de urbanização mundial e sua espacialização no Brasil.	43
A indústria e seus fatores locacionais.	43
A agricultura e a segurança alimentar no mundo;	47
O agronegócio no Brasil (sua concentração/desconcentração).	49
Geopolíticas internacionais.	49
O sistema mundial: os EUA, a UE (União Européia) e os países que formam o BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China);	55
O Japão na ordem mundial; o Oriente Médio e os conflitos atuais; o sistema sul-americano; a unidade e a diversidade da África.	58
O território brasileiro: dinâmica e estrutura da população; os usos dos recursos da natureza; as transformações do seu espaço.	67
Regionalização do espaço brasileiro: aspectos socioeconômicos e ecológicos.	70
A Paraíba: aspectos socioeconômicos, naturais e regionais do seu território.	76
Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais - Ensino Fundamental (Resolução CNE/CEB nº 4 de 13 de julho de 2010).....	76

**O ESPAÇO GEOGRÁFICO: CATEGORIAS DE
ANÁLISE; ENSINO E REPRESENTAÇÕES;
LOCALIZAÇÃO E INTER-RELAÇÕES DOS
FENÔMENOS GEOGRÁFICOS NA SUPERFÍCIE
TERRESTRE.**

Projeções Cartográficas

Uma das tarefas mais árduas da Cartografia é projetar a superfície da Terra, que é arredondada, nos mapas, que são planos. Por conta disso, acabam sendo utilizadas diferentes técnicas de projeções, cada uma proporcionando distorções diferentes. Nota-se as projeções também possuem uma função ideológica, pois algumas áreas são valorizadas em detrimento de outras, conforme a técnica adotada. Nota-se que os sistemas de projeções constituem-se de uma fórmula matemática que transforma as coordenadas geográficas, a partir de uma superfície esférica (elipsoidal), em coordenadas planas, mantendo correspondência entre elas. O uso deste artifício geométrico das projeções consegue reduzir as deformações, mas nunca eliminá-las. Vejam as principais projeções a seguir:

Projeção de Mercator

Os meridianos e paralelos retas que se cortam em ângulos retos. É uma projeção cilíndrica conforme, que acaba exagerando as regiões polares e o hemisfério Norte em geral.

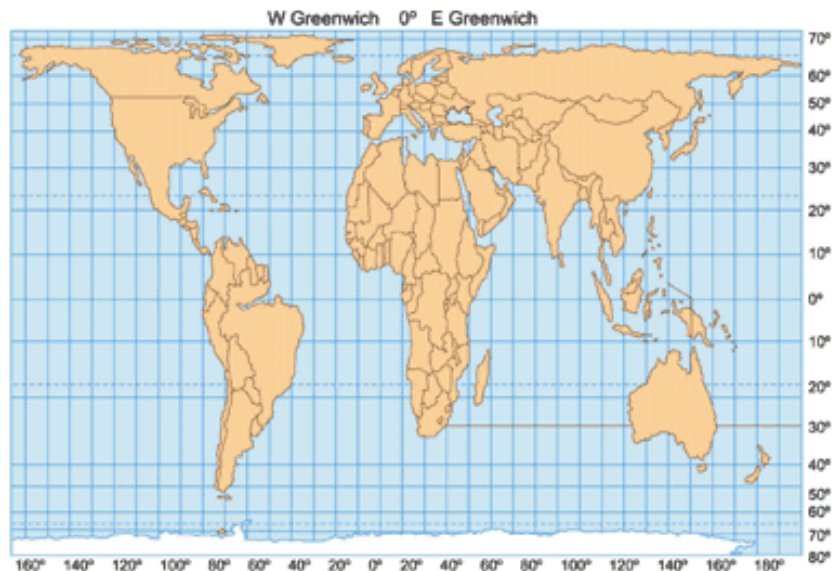


CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica 3 – Geografia

Projeção de Peters

Arno Peters, em 1973, propôs uma Projeção também cilíndrica, mas equivalente, que determina uma distribuição dos paralelos com intervalos decrescentes desde o Equador até os pólos. Ela compromete a forma dos continentes, mas permite proporções mais adequadas em relação a Mercator.



Projeção de Mollweide

No caso de Mollweide, os paralelos são linhas retas e os meridianos, linhas curvas. Sua área é proporcional à da esfera terrestre, tendo a forma elíptica. As zonas centrais apresentam grande exatidão, tanto em área como em configuração, no entanto, as extremidades apresentam grandes distorções. Observe a mesma a seguir:



CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica 3 – Geografia

Projeção de Goode

É uma projeção descontínua, e usa essa descontinuidade para eliminar várias áreas oceânicas, e, com isso, reduzir as distorções.



Também existem projeções cônicas, nas quais os meridianos convergem para os polos e os paralelos são arcos concêntricos situados a igual distância uns dos outros. Elas apresentam pouca distorção para as chamadas latitudes médias. Também existem as projeções azimutais que consiste na tomada de um determinado ponto e a delimitação de áreas tangentes a partir deste (muito usada para mapear as áreas polares, por exemplo).

Destaca-se que, no caso da Terra, a maneira mais adequada (mas nem sempre possível) de representá-la é a partir do Globo, pois este, a partir de uma escala, procura fazer uma representação próxima ao formato original da área mapeada.

A Leitura dos Mapas

Um dos primeiros a ser observado em um mapa é o seu título. Seguramente ele trará duas informações importantes, de imediato: o que foi mapeado e em que lugar (e em alguns casos a data/período em questão). Não observar o título de um mapa pode comprometer toda a sua análise.

Ademais, para que possa ser realizada uma boa leitura das informações presentes nos mapas, a legenda acaba sendo uma ferramenta fundamental, pois esta vai expressar valores e aspectos diversos presentes dentro do mapa, como linhas, cores, figuras geométricas etc. No mapa, estas informações não seriam apresentadas, pois seria gerada uma poluição visual desnecessária, o que comprometeria sua leitura. Diante disso, alguns aspectos sem significado explícito no mapa acabam sendo identificados por meio da legenda. Em resumo, a legenda decodifica símbolos usados no mapa. Veja um exemplo a seguir, no qual a legenda auxilia no entendimento das áreas delimitadas no mapa.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica 3 – Geografia



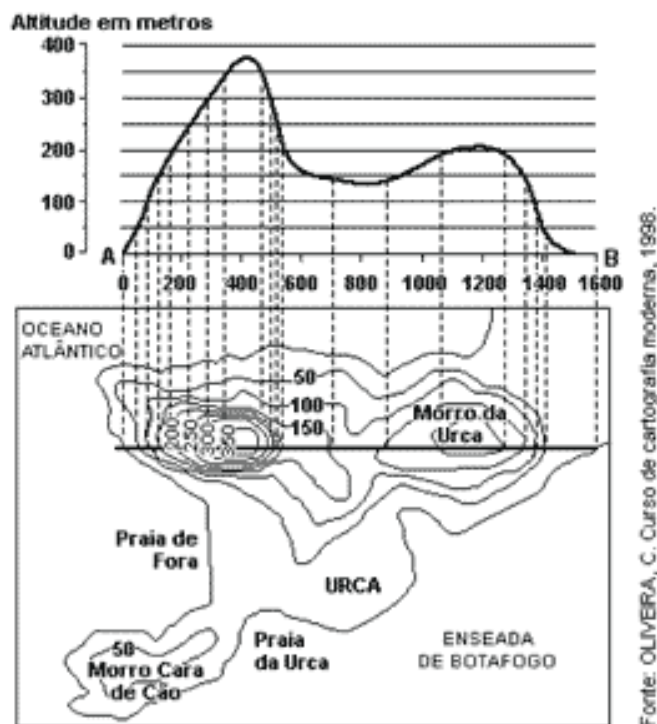
Algumas informações abordadas no mapa e suas respectivas representações ficam a critério do organizador do mapa. Por outro lado, outras acabam respeitando convenções cartográficas regionais, nacionais e internacionais, pois estas buscam universalizar alguns significados e facilitar a interpretação dos mapas. É o caso de símbolos específicos para ferrovias, aeroportos, hospitais, usinas nucleares etc. Vejam alguns exemplos de convenções adotados pelo DAER-RS:

DAER - RS		CONVENÇÕES	
		RODOVIAS e FERROVIAS	
Duplicada		Em Duplicação	
Pavimentada		Em Pavimentação	
Implantada		Em Implantação	
Municipal		Estrada de Ferro	
Distância Parcial em km		Federal, Estadual e Vicinal	
Federal Coincidente		Estadual Transitória	
CIDADES e VILAS			
(De 200.001 a 500.000 hab)		(De 5.001 a 20.000 hab)	
(De 100.001 a 200.000 hab)		(Até 5.000 hab.)	
(De 20.001 a 100.000 hab)		Outras Localidades	
OUTROS			
Posto de Pedágio		Aeroporto Pavimentado	
Distrito Rodoviário Regional		Aeroporto não Pavimentado	
Aduana		Ponte de Fronteira	
Porto		Limite Municipal	
Base cartográfica extraída do Mapa do Estado do Rio Grande do Sul, 1:750.000 - IBGE-1969, atualizada. Planejamento Temático e Atualização: Departamento de Programação Rodoviária / Equipe de Cadastro Colaboração: Departamento de Estudos e Projetos Informações e Sugestões: Telefone (0xx51) 3210 5128			

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica 3 – Geografia

Ainda com relação à leitura dos mapas, alguns pontos merecem destaque, como, por exemplo as isolinhas. No caso da Cartografia, as mais utilizadas são as curvas de nível (isoípsas), que eu ligam pontos de mesma altitude; as isóbaras (linhas com pontos de mesma pressão); isoietas (mesma precipitação pluviométrica em um determinado período); isoterma (mesma temperatura) etc. Veja um exemplo das curvas de nível e da construção de um perfil topográfico a partir delas:



A localização absoluta indica com precisão a posição de qualquer lugar na superfície terrestre, utilizando para tal efeito três coordenadas geográficas: **a latitude, a longitude e a altitude**. Para se utilizar e perceber estas coordenadas é necessário conhecer alguns elementos de referência da Terra.

Elementos de referência da Terra

Eixo da Terra – linha reta imaginária que atravessa o centro da Terra unindo os polos, em torno da qual a Terra executa o seu movimento de rotação.

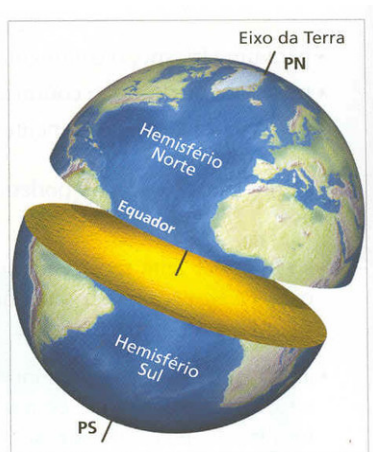
Círculos Máximos - Círculos que dividem a Terra em duas partes iguais. Alguns destes círculos máximos são muito importantes (equador e os Meridianos).

Hemisfério – é a metade da Terra que se obtém quando esta é dividida por um círculo máximo.

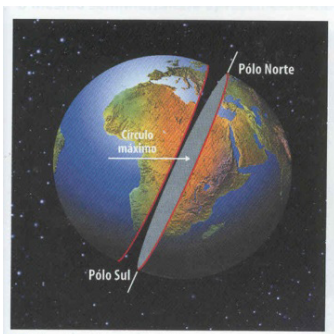
Equador – círculo máximo perpendicular ao eixo da terra e divide a terra em dois hemisférios: *o norte e o sul*.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

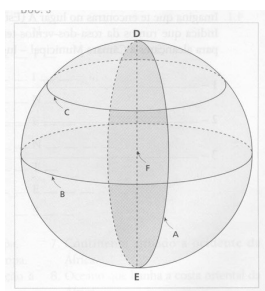
Professor de Educação Básica 3 – Geografia



Meridianos – círculos máximos paralelos ao eixo terrestre (direção norte-sul) que passam sempre pelos polos, dividindo a terra em partes iguais - consideram-se normalmente os *hemisférios ocidental e oriental*. A metade de um meridiano é um semi-meridiano. O meridiano de referência é o de **Greenwich**, que divide a terra em hemisfério ocidental e oriental. O seu nome deve-se ao observatório de Greenwich, em Londres.

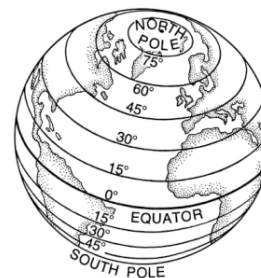


Paralelos - são círculos menores paralelos ao círculo máximo do Equador.



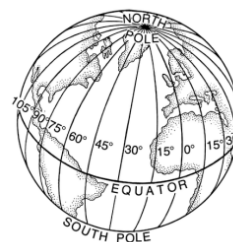
- A - Meridiano
- B - Equador
- C - Paralelo
- D - Polo Norte
- E - Polo Sul
- F - Eixo da Terra

AS COORDENADAS GEOGRÁFICAS



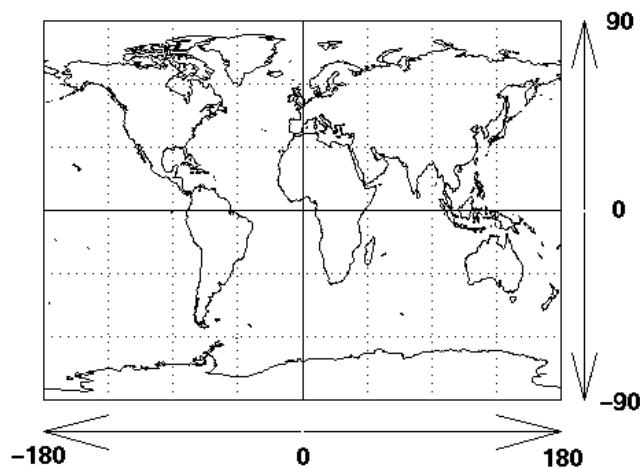
LATITUDE

- É a distância angular (medida em graus), a partir do Equador até ao paralelo do lugar que queremos saber.
- Varia para Norte e para Sul do Equador.
- Varia entre 0° (Equador) e 90° Norte (polo norte) e 90° Sul (polo sul).



LONGITUDE

- É a distância angular (medida em graus), a partir do semi-meridiano de Greenwich até ao semi-meridiano do lugar que queremos saber.
- Varia para Oeste e para Este do semi-meridiano de Greenwich.
- Varia entre 0° (semi-meridiano de Greenwich) e os 180° (o semi-meridiano oposto ao de Greenwich).



CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica 3 – Geografia

ALTITUDE

- Mede-se na vertical em metros a partir do nível médio das águas do mar (0 metros).
- Pode ser *positiva* (acima do nível médio das águas do mar), *negativa* (abaixo do nível médio das águas do mar) ou *nula* (ao mesmo nível médio das águas do mar).
- Quando um lugar tem altitude negativa e está submerso, a sua altitude designa-se por **Profundidade**.

Fonte: http://novamente_geografando.blogspot.com.br/a-localizacao-absoluta-297457

UMA NOVA PRÁTICA DIDÁTICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO (ENSINO FUNDAMENTAL).

Introdução

O processo de ensino e aprendizagem é um procedimento muito complexo, que envolve entrega tanto do docente quanto dos discentes. Para que possa acontecer, deve haver uma sintonia somada a interesses e empenhos vindos de todo corpo formador do espaço escolar.

No entanto, atualmente muitas são as dificuldades enfrentadas no âmbito escolar e, em virtude disso, muitos discentes acabam desmotivados no ambiente educacional. Diante disso, cabe ao profissional da educação transformar essa realidade que tanto dificulta o processo de ensino e aprendizagem por meio de alternativas, ou seja, estratégias didáticas atraentes para o alunado.

Nesse contexto, destaca-se a aula de campo como um importante recurso didático, facilitador da aprendizagem, tendo em vista as necessidades por busca de estratégias didáticas que facilitem a relação entre professores e alunos, pois o trabalho fora da sala de aula tende a auxiliar a construção do conhecimento. De acordo com Lima e Assis (2005, p. 112), “o trabalho de campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido”.

Diante da abordagem anterior, este trabalho visa discutir a importância da aula de campo como metodologia didática para facilitar a compreensão da ciência geográfica, com base em uma análise dos benefícios que a aula de campo proporciona, tendo como objeto de estudo o Ensino Fundamental.

Em suma, a presente pesquisa objetiva analisar os benefícios do uso da aula de campo como ferramenta metodológica para o ensino geográfico. Para tanto, fo-

ram realizadas aulas de campo com turmas do Ensino Fundamental II no município de Campina Grande-PB, desenvolvidas e concretizadas na cidade de Areia, no mesmo estado. Essa atividade possibilita aos discentes relacionar a teoria vista em sala de aula com a prática, em campo.

Trabalho de campo enquanto método didático

Muitos são os estudos referentes à importância da aula de campo para a construção do conhecimento e o desenvolvimento do raciocínio lógico dos educandos. Por isso, Carbonell (2002) destaca que os espaços fora da sala de aula despertam a mente e a capacidade de aprender, pois se caracterizam como espaços estimulantes que, se bem aproveitados, se classificam como um relevante cenário para a aprendizagem. Para Viveiro e Diniz (2009), a aula de campo se propaga também como um aumento de afeto e confiança entre discentes e docentes.

Nesse contexto, compreende-se que a atividade de campo consiste no contato direto com o ambiente de estudo fora dos muros burocráticos da sala de aula, que permite ao professor o conhecimento de um instrumento pedagógico eficiente e bastante proveitoso na relação ensino-aprendizagem. Mas é importante destacar que, por ser um método didático que auxilia o professor em suas aulas teóricas, não deve ser utilizada sem fundamentação prévia, tendo em vista que sua função principal é a materialização da teoria.

Diante dessa abordagem, entendemos que, para a concretização dos objetivos, a aula de campo não se configura necessariamente apenas como uma viagem ou passeio. Por isso, Passini (2007, p. 172-176) atenta que “a aula de campo seria um método ativo e interativo, pois o espaço não é fragmentado. Ele é a sala de aula, o pátio da escola, o refeitório, o corredor, a rua do colégio, a casa do aluno, o bairro, a cidade, o município, o parque florestal, o fundo de vale, entre outros”. O autor esclarece que o ambiente escolar é o meio, que pode ser utilizado para a realização de uma aula de campo, bem como a comunidade no entorno; sendo assim, não há empecilhos para a sua realização, e qualquer escola pode desenvolver esse método com os alunos.

Pelo contato direto com o conteúdo, os estudantes que participam da atividade de campo são motivados e estimulados a pensar criticamente; dessa forma, confrontam informações associando a aula teórica ao momento. Esse estímulo possibilita ao educando um motivo maior de aprender e de formar conhecimento pelo desafio do pensar crítico.

Diante da busca por alternativas que visam facilitar e dinamizar a aprendizagem, destaca-se a importância de estudar o meio, sendo este um componente que faz parte do processo de ensino. Segundo Libâneo (1994, p. 71), todos esses procedimentos que permitem uma discussão em torno do mundo concreto do aluno devem ser enriquecidos com visitas às localidades abordadas.